

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: AUDIOVISUAL

Fábio Pereira de Oliveira

**NOVAS PERSPECTIVAS PARA O FORTALECIMENTO ÉTNICO E
CULTURAL ATRAVÉS DOS SABERES AUDIOVISUAIS**

Natal/RN

2019

Fábio Pereira de Oliveira

**NOVAS PERSPECTIVAS PARA O FORTALECIMENTO ÉTNICO E
CULTURAL ATRAVÉS DOS SABERES AUDIOVISUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do título
de Bacharel em Comunicação Social com
habilitação em Jornalismo, sob orientação da
Prof.^a Dr.^a Maria Angela Pavan, pertencente ao
Departamento de Comunicação Social, da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Natal/RN

2019

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes -
CCHLA

Oliveira, Fabio Pereira de.

Novas perspectivas para o fortalecimento étnico e cultural
através dos saberes audiovisuais / Fabio Pereira de Oliveira. -
Natal, 2019.

47f.: il. color.

Relatório (graduação) - Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Angela Pavan.

1. Produção partilhada - Relatório. 2. Audiovisual -
Relatório. 3. Comunidade indígena - Relatório. I. Pavan, Maria
Angela. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 316.774

Elaborado por Heverton Thiago Luiz da Silva - CRB-15/710

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: AUDIOVISUAL

**NOVAS PERSPECTIVAS PARA O FORTALECIMENTO ÉTNICO E
CULTURAL ATRAVÉS DOS SABERES AUDIOVISUAIS**

FÁBIO PEREIRA DE OLIVEIRA

(Autor)

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Angela Pavan

Orientadora

Prof. Dr. Ivan Mussa Tavares Gomes

Examinador

Examinadora

Prof. Dr.^a Cibelle Amorim Martins

AGRADECIMENTOS

Agradecer sempre se tornar difícil quando o tocante é mencionar nomes que contribuíram direta, indiretamente e de todas as formas nessa construção, desde o tímido surgimento do pensamento de seguir e elaborar o trabalho de conclusão do curso nesse segmento pretendido até finalização do mesmo. Durante quatro anos da graduação foi possível vivenciar muitas situações a começar pelas transformações do curso. No período do meu ingresso foi o curso de Radialismo que sofreu transformações se tornando Audiovisual. Muitas incertezas foram inseridas quanto a atuação no mercado de trabalho em um patamar no segmento audiovisual que está se consolidando sutilmente até mesmo em perspectivas acadêmicas.

Agradeço aos protagonistas da criação de políticas públicas que tem facilitado o ingresso às instituições públicas de ensino superior que aderem ao Sistema Unificado de Seleção Unificada (SISU) criado no governo Lula em 2009, políticas públicas que possibilitaram o meu ingresso e consequentemente meu desenvolvimento educacional e profissional assim como a de muitos outros estudantes brasileiros.

Agradeço à professora e orientadora deste projeto, Maria Angela Pavan, que abraçou a orientação com muito carinho e sabedoria proporcionando muitos conhecimentos e paz durante todo o processo.

Agradeço às lideranças indígenas da comunidade Mendonça do Amarelão: Carlos Tavares, Tayse Campos, Dona Neide, Dioclécio Mendonça que foram importantes agentes dialógicos, assim como meu caro amigo Diego Akanguasu que por muitas vezes se mostrou disponível com críticas transformadoras e boas ideias assim como toda a comunidade.

Agradeço aos meus pais, meu filho, em especial a minha mãe Maria Nazaré pelo apoio e diante das limitações nem tanto financeiras mas emocionais e psicológicas inseridas como um vai e vem no nosso cotidiano.

Agradeço à Joyce Silva que foi a primeira pessoa da qual partilhei essa ideia temática antes mesmo de começar a escrita, trabalho em campo e o desenvolvimento do mesmo, que me motivou constante e suficientemente para não desistir.

Agradeço a meu amigo de longa data Diogo Ferreira por ter acolhido a ideia e estimulado seguir a ideia adiante e diversas conversas, por já conhecer a comunidade tem ciência dos possíveis percalços que pudessem vir.

Agradeço aos demais amigos e amigas mais próximos e os que não vejo a algum tempo pessoalmente mas me incentivaram bastante para realização desse trabalho.

*“Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral,
com as referências que dão sustentação a uma identidade,
vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos.”*

Ailton Krenak

RESUMO

O presente trabalho discute o ensino de conceitos relacionados ao audiovisual para a formação dos estudantes da recém-inaugurada escola indígena no município de João Câmara – RN, a Escola Estadual Indígena Professor Francisco da Silva Nascimento localizada na comunidade indígena Mendonça do Amarelão. Estudos acerca das práticas audiovisuais de conhecimentos partilhados que possibilitaram a realização de oficinas teóricas e práticas de audiovisual, percorrendo estudos de conceitos básicos de composição fotográfica, movimentação de câmera até etapas da produção que foram compartilhadas com os participantes. As práticas audiovisuais na comunidade tomaram como base teórica e prática o projeto Vídeo nas Aldeias (VICENT CARELLI, 1995) que se relaciona com as práticas de ensino audiovisual na construção de materiais produzidos pelo olhar interno da comunidade através de uma produção partilhada de conhecimentos (CAIO LAZANEO, 2012). Tivemos como resultado desse processo, a produção de um curta-metragem intitulado *Kajurai Araite* - Festa da Castanha, tema escolhido pelos próprios estudantes e seus olhares enquanto parte da comunidade.

Palavras-chave: Produção partilhada. Audiovisual. Comunidade Indígena. Protagonismo. Hipermídia

ABSTRACT

This present work discusses the teaching of concepts related to audiovisual for the formation of students of the newly opened indigenous school in the city of João Câmara - RN, the Professor Francisco da Silva Nascimento Indigenous State School located in the indigenous community Mendonça do Amarelão. Studies about audiovisual practices of shared knowledge enabled the holding of theoretical workshops and audiovisual practices, covering studies of basic concepts of photographic composition, camera movement to production stages that were shared with participants. The audiovisual practices in community took as theoretical and practical basis the project Video in the Villages(VICENT CARELLI, 1995) which relates to audiovisual teaching practices in the construction of materials produced by the community's internal gaze through a shared production of knowledge (CAIO LAZANEO, 2012). We have the result of this process, resulting in the production of a short film *Kajurai Araite - Festa da Castanha*, theme chosen by the students themselves and their eyes as part of the community.

Key-Words: Shared Production. Audiovisual. Indigenous Community. Protagonism, Hypermedia

LISTA DE FIGURAS

Foto 1: Localização da comunidade indígena Mendonça do Amarelão.....	14
Foto 2: Tendões de trabalho de produção da castanha.....	15
Foto 3: No intervalo após visitas nas salas.....	20
Foto 4: Durante aulas práticas de movimento de câmera.....	22
Foto 5: Shopping do Jales.....	22
Foto 6: Exibição de curtas de diferentes formatos para compreensão da distinção entre ficção e documentário.....	23
Foto 7: Filho de santo incorporado no barracão de Mãe Selma	25
Foto 8: Folder da programação da 7ª edição da festa da castanha.....	25
Foto 9: Durante a trilha	26
Foto 10: Apresentação grupo Boi de Calemba Pintadinho.....	26
Foto 11: Dança do Toré realizada	26
Foto 12: Alunos decupando o material.....	28
Foto 13: Coletando água na cisterna de uma das residências.....	29
Foto 14: Exibição durante o turno vespertino.....	31
Foto 15: Diálogos com estudantes do EJA	32
Foto 16: Professores e estudantes em diálogos	32
Foto 17: Olhares atentos a exibição	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: Sobre a comunidade: história e cotidiano	14
CAPÍTULO 2: Como foi realizado o trabalho: dedicação e imersão	17
CAPÍTULO 3: Diários de bordo	19
3.1 Encontro com as lideranças indígenas	19
3.2 Conhecendo e praticando	21
3.3 Conversas sobre como funciona uma produção	23
3.4 Dia de gravação	25
3.5 Seleção e decupagem do material	28
3.6 Uma tarde produtiva de outra forma	29
3.7 Feedback do vídeo editado	30
3.8 Exibição e diálogos	31
CAPÍTULO 4: Considerações finais	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
APÊNDICE	38
Roteiro	38
Bibliografia comentada	42

INTRODUÇÃO

A ideia da realização da oficina de produção de vídeo com dispositivos móveis na comunidade indígena Mendonça do Amarelão, em João Câmara/RN, me inspirou decorrer de minha formação em audiovisual, pelos saberes adquiridos através das aulas teóricas, expositivas e da importante geração de debates no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Decom- UFRN). Durante minha formação, entre dezembro de 2017 e abril de 2019 fui bolsista do Laboratório de Tecnologia Educacional (LTE) situado no Centro de Educação da UFRN e coordenado pela professora Cibelle Amorim Martins, onde tive a oportunidade de ministrar oficinas de produção de vídeo e animação com dispositivos móveis nos blocos de aulas para discentes e docentes. Além dos saberes, diálogos e as aulas de campo durante a disciplina optativa de Antropologia e o Estudo das Relações Étnico-Raciais cursada em 2018.2. Essas disciplinas foram ministradas pelo professor José Glebson Vieira do Departamento de Antropologia da UFRN que possibilitaram mais conhecimentos sobre as diversidades das comunidades através das aulas de campo em visitas ocorridas na aldeia do Catu situada entre os municípios de Canguaretama e Goianinha e na comunidade indígena Mendonça do Amarelão, esta última sendo foco do presente trabalho. “Do ponto de vista dos estudos acadêmicos, é imprescindível o desenvolvimento de pesquisas mais aprofundadas sobre os modos pelos quais, como descrever as formas de vida dessas pessoas.”(VIEIRA, 2011, p. 509)

Em paralelo às experiências acadêmicas, também ocorreu minha participação como colaborador do sítio histórico e ecológico Gamboa do Jaguaribe¹ onde realizei registros de fotos e vídeos além de guia do espaço até os dias de hoje. Essa experiência também foi fundamental para o fomento da aproximação com a história do estado do Rio Grande do Norte, dos povos indígenas potiguaras que atualmente constam cerca de 12 comunidades, bem como os debates sobre os preconceitos, assim como a desconstrução dos estereótipos indígenas lançados pela mídia brasileira. A história dos indígenas e sua memória são apagadas na história do Brasil. Tudo o que aprendemos ao longo da vida acerca da história do Brasil está nos moldes quinhentistas da época da colonização. Segundo o senso comum, o indígena que usa vestimentas, não mora em oca, fala a língua portuguesa, utiliza recursos tecnológicos digitais que não tem os traços fenotípicos como o indígena do “descobrimento” do Brasil não é mais indígena. Ora, se um samurai vestir um terno e jogar capoeira ele não deixará de ser samurai? O mesmo acontece com os povos indígenas atuais que não perdem sua identidade por utilizar recursos atuais. As transformações culturais são constantes em

¹ Sítio histórico e ecológico Gamboa do Jaguaribe situa-se na zona norte de Natal/RN, espaço destinado a disseminação e fortalecimento das culturas indígenas e questões socioambientais. Site: <http://www.gamboadojaguaribe.com.br>

todas as comunidades indígenas do país independentemente da região e, é lógico que são distintas. O discernimento e respeito a essas diversidades étnicas e culturais são fundamentais e necessárias para uma sociedade justa e sem preconceitos. “As diferenças e semelhanças complementa-se no processo de reafirmação étnica pois o acesso ao vídeo e a circulação entre as comunidades estabelece um diálogo e consequentemente uma integração entre eles.” (GALLOIS; CARELLI, 1995, p 65).

Os avanços tecnológicos da década de 80 e a facilitação do acesso a essas tecnologias a partir do ano de 2000, torna perceptível a crescente utilização dos dispositivos móveis² por pessoas de diversas faixas etárias, em âmbito urbano e rural. Mais próximo de uma realidade local, em visitas anteriores ao início do trabalho em campo na comunidade, foi percebido que vários jovens com faixa etária entre 10 e 16 anos já tem acesso a essas tecnologias moveis através de *smartphones* que utilizam para determinadas atividades de entretenimento em tempo ocioso.

A partir desta realidade e em busca de uma nova perspectiva para utilização desses dispositivos, foi inserido como objetivo principal desse trabalho a partilha de conhecimentos da área audiovisual de forma que os participantes utilizem os recursos disponíveis dessas tecnologias para geração de conteúdos acerca da própria comunidade de forma que a empodere. O objetivo é gerar consequências positivas como a produção de vídeos digitais a partir desses dispositivos, estimular o trabalho em equipe de acordo com as atividades práticas, fortalecer, valorizar os costumes da comunidade além de montar e editar os próprios vídeos produzidos a partir destes mesmos dispositivos, assim executando uma produção partilhada no local (GALLOIS; CARELLI, 1995):

A produção partilhada do meio audiovisual gera a troca para ambos lados. Busca através do referencial teórico estimular o conhecimento e respeito pelas diversidades culturais e étnicas entre os povos e uma visão não saudosista acerca das técnicas ancestrais. E a partir desse estímulo, enseja desconstruir o estereótipo quinhentista que há em relação aos povos indígenas.

O projeto Vídeo nas Aldeias³ (VNA), precursor na área audiovisual indígena brasileira surgido em 1986 a partir de experimentos realizados por Vicent Carelli, foi o principal motivador da idealização deste trabalho de conclusão de curso. Além de todas as experiências vividas até o momento que culminaram na aspiração, realização e concretização dessa atividade da qual me

² Entende-se como dispositivos móveis como aparelhos eletrônicos portáteis e também podem ser conhecidos como equipamentos: smartphone, tablets dentre outros.

enche de orgulho e gratidão a todos que apoiaram e contribuíram para a execução desse trabalho e que é almejada a continuidade desse projeto por parte dos participantes nos anos seguintes seguindo um ciclo de partilhas contínuo.

Como resultado das oficinas na Escola Estadual Indígena Professor Francisco Silva do Nascimento, foi produzido o curta-metragem no formato documentário de forma partilhada intitulado “*Kajurãi Araite* – Festa da Castanha” que apresenta a principal atividade econômica da comunidade e a festividade anual que escoar diversos produtos na ocasião, possibilitando uma maior renda para os moradores assim como o fortalecimento étnico e cultural através de apresentações, diálogos e conhecimentos históricos e geográficos do local através de uma trilha guiada e comentada.

No total tivemos dezesseis (16) alunos participantes variando as quantidades entre as oficinas.

3 Vídeo nas Aldeias (VNA) surgiu dentro das atividades da ONG Centro de Trabalho Indigenista, como um experimento realizado por Vincent Carelli entre os índios Nambiquara. O ato de filmá-los e deixá-los assistir o material filmado, foi gerando uma mobilização coletiva. Diante do potencial que o instrumento apresentava, esta experiência foi sendo levada a outros grupos, e gerando uma série de vídeo sobre como cada povo incorporava o vídeo de uma maneira particular

4 Tradução do tupi antigo para o português: *Kajurãi* = castanha e *Araite* = festa

CAPÍTULO 1 – Sobre a comunidade: história e cotidiano



Foto 1: Localização da comunidade indígena Mendonça do Amarelão
(fonte Google Maps)

A comunidade indígena Mendonça do Amarelão fica situada na zona rural do município de João Câmara/RN, 95 km da capital onde vive aproximadamente 300 famílias. O grupo familiar Mendonça se constituiu a partir de antepassados indígenas pertencentes à etnia Potiguara que se deslocou para o estado do Rio Grande do Norte por meio de migrações do estado da Paraíba há mais de dois séculos ocasionados por doenças, secas e a expansão colonial. Segundo a história oral da comunidade, o nome Amarelão se deu através de um antigo ritual que os Mendonça praticavam. Eles subiam uma serra próxima da comunidade de madrugada e lá em cima aguardavam a chegada do sol, quando aparecia desciam a serra cantando e dançando pois tinham ido buscar o “Amarelão” e isso traria sorte para toda a aldeia. A conexão com os antepassados indígenas está relacionada ao nome Mendonça – nome de um dos primeiros indígenas que habitaram a comunidade – e que se transformou em referência por meio da qual as famílias fazem uso para demarcar sua identidade diferenciada diante da sociedade (GALHARDO, 2007).

A partir do século XVIII, entende-se que, durante a política de Pombal, haviam sido estimulados casamentos inter-raciais e outras formas de integração entre indígenas e os regionais, o que gerou, os deslocamentos de grupos indígenas que buscavam outros espaços para sua sobrevivência, uma vez que a “título de arrendamento ou simples invasão, as terras de aldeamentos eram, com frequência, ocupadas por senhores de engenho, criadores de gado ou lavradores.

A comunidade tem sua própria organização e representação social, a Associação Comunitária Amarelão – ACA, fundada em 21 de maio de 1994, tem como objetivo promover o desenvolvimento socioeconômico da comunidade através de projetos com foco na promoção humana, social e cultural, representando a comunidade junto aos órgãos públicos e privados no atendimento de suas reivindicações.

O grupo familiar Amarelão se divide em outras áreas, como o Assentamento Santa Terezinha, Serrote de São Bento que pertencem a áreas rurais e também na cidade de Natal, chamado Amarelão Novo. Esse bairro se formou após os constantes abalos sísmicos ocorridos há trinta anos, provocando o deslocamento de várias famílias, mas sem perder sua afirmação étnica por mais que esteja geograficamente distante.



Foto 2: Tendas de trabalho de produção da castanha (foto: Fábio Pereira)

Em meados da década de 1980, o trabalho com a castanha de caju se tornou a principal atividade econômica e geradora de renda para várias famílias da comunidade onde é possível observar que, desde crianças até os mais velhos, realizam o trabalho como forma de se manterem financeiramente. Conseguem recursos, a partir de uma gestão própria para comprar alimentos e pagarem suas contas. Dessa forma, evitam novos êxodos rurais na busca por melhores condições de vida em regiões urbanas mesmo sem apoio institucional.

Algumas das principais emissoras de TV⁵ aberta realizaram reportagens tendenciosas quanto a rotina das famílias que trabalham com a castanha, mostraram uma situação degradante e as crianças em condições de trabalho infantil. No entanto, as famílias da região cresceram atuando nas

⁵ Link da reportagem produzida pelo programa Profissão Reporter exibida pela TV Globo: <http://tinyurl.com/su27pag>

atividades desenvolvidas pela comunidade e é comum ver na comunidade toda a família trabalhar com a produção de castanha não só as crianças mas os adultos frequentam a escola e tem acesso a atividades geradas pela Associação Comunitária do Amarelão.

CAPÍTULO 2 – Como foi realizado o trabalho: dedicação e imersão

Antes de ocorrer as visitas de campo na comunidade, foi pensado um cronograma previsto para a realização das oficinas tanto com exposições teóricas como práticas, tendo como objetivo as oficinas e a produção de um curta de até dez minutos sobre um tema a ser escolhido pelos participantes. A ideia era o envolvimento da comunidade, já que o trabalho de conclusão de curso foi pensado para ser executado e finalizado em um ano. No entanto, devido a algumas intercorrências, precisou ser realizado em quatro meses.

No decorrer das oficinas, foram expostas quatro sugestões de temas para ser realizada a produção: a festa da castanha, a comunidade indígena Mendonça do Amarelão, a nova escola e a produção da castanha. Entre os temas sugeridos pelos próprios alunos, a festa da castanha foi escolhida.

O coordenador pedagógico Dioclécio foi um importante agente dialógico que junto com Dona Neide cedeu espaço na Escola Estadual Indígena Professor Francisco Silva do Nascimento. Fomos em todas as salas durante o turno vespertino divulgando as oficinas. Isso possibilitou a inscrição e participação dos interessados. Não houve prejuízos com a frequência nas aulas e conseguiram também pontos extras por participarem da oficina. Além disso, recebi hospedagem nos dias que foram necessários na ACA – Associação Comunitária do Amarelão. Em relação a disponibilidade de tempo, optei por ser prioridade o tempo dos alunos e a escola, e não um cronograma imposto por mim (ARAÚJO, 2014, p.25).

A imersão dosicineiros e do cineasta nas comunidades indígenas requer disponibilidade temporal, especialmente dosicineiros em relação aos alunos da comunidade. De forma a estarem prontos para enfrentar o tempo de inserção que as pessoas filmadas e os alunos tenham disponíveis.

O cronograma de oficinas foi executado no período do turno vespertino a cada quinze dias de forma a coincidir com o sábado letivo da escola estabelecendo os horários de 13h às 17h na sexta e 13h às 15h no sábado. A faixa etária dos participantes é de 10 a 16 anos, entre crianças e adolescentes. O horário estipulado das oficinas foi criado para que os alunos não tivessem que voltar ao curso. Foi respeitado os horários para realização das oficinas dentro do horário escolar. Abaixo o cronograma das datas de visita em campo:

DIA	DATA	HORÁRIO	ATIVIDADE
1º	05/08	13h às 17h30	Diálogo com os coordenadores pedagógicos e divulgação das oficinas
2º	16/08	13h às 17h30	Oficina de composição fotográfica e movimentos de câmera
3º	17/08	13h às 15h30	Etapas de produção audiovisual, roteiro e escolha do tema do curta
4º	31/08	10h às 17h	Gravação
5º	13/09	13h às 15h30	Decupagem do material
6º	28/09	13h às 15h30	Edição do material
7º	13/10	13h	Apresentação do vídeo para as lideranças
8º	23/10	15h e 20h	Exibição na escola

O trabalho foi realizado a partir dos recursos acessíveis aos participantes, desde o início pensamos no uso dos dispositivos móveis de cada participante. Uma vez que, o uso restringe-se a dispositivos móveis, não dispomos de uma captura de som apropriada. Isso é observado nas entrevistas, e em alguns trechos do vídeo onde há ruídos de vento, mas que não prejudicaram a compreensão do conteúdo e dos depoimentos.

Busquei transmitir conhecimentos básicos sobre composição fotográfica e audiovisual de forma que os jovens explorassem outros recursos dos seus dispositivos móveis para estimular a criação de material audiovisual. Com isso, fomentar o desenvolvimento de novos olhares e perspectivas ao redor através desses conhecimentos compartilhados. No capítulo a seguir, os processos de metodologia em prática e todos os acontecimentos mais importantes desde o início das oficinas até o processo de finalização do trabalho em partilha serão apresentados através de diários de bordo.

CAPÍTULO 3 – Diários de Bordo

3.1 – Encontro com as lideranças indígenas

Na segunda-feira dia 05 de Agosto de 2019, dias antes de me deslocar até a comunidade indígena, algumas conversas sobre a intenção do projeto foram discutidas com meu amigo Diego Akanguasu, que além de ser companheiro de trabalho no sítio histórico e ecológico Gamboa do Jaguaribe, também está atuando como professor em algumas disciplinas na própria Escola Estadual Indígena Professor Francisco Silva do Nascimento. O professor apoiou a iniciativa e também foi um importante agente dialógico que intermediou os contatos de algumas lideranças indígenas como Dioclécio e Dona Neide.

Acordei às seis da manhã após uma noite de sono mal dormida em virtude da ansiedade que me tomara por várias vezes durante a madrugada. Minhas idas anteriores a comunidade Mendonça do Amarelão foram através de outros grupos, a primeira ida foi em 2017 com o pessoal do sítio histórico e ecológico Gamboa do Jaguaribe quando pudemos acompanhar e conhecer mais de perto a festividade que ocorre anualmente, a Festa da Castanha e em 2018 também para esse evento em outra edição através de visita de aula campo das aulas do professor Glebson Vieira.

O deslocamento à comunidade nesse período foi sempre com três transportes: um ônibus até a avenida Tomaz Landim na zona norte de Natal, um ônibus ou lotação para o centro de João Câmara e outro carro para a comunidade totalizando em despesas de transportes uma média de 30 reais. Despesas das quais foram financiadas por mim mesmo. Nesta mesma manhã, desembarquei na rodoviária de João Câmara e na busca por informações sobre qual a melhor forma de chegar na comunidade, onde findei por embarcar em uma lotação nos trechos da BR 101 em um valor maior que o previsto custando 20 reais, mas como estava com um dinheiro a mais paguei sem muitas preocupações financeiras e para adiantar devido as horas já estarem passando rapidamente.

Cheguei aproximadamente às 12h45 horário de almoço, e me encontro com Dona Neide e Dioclécio que são lideranças indígenas da comunidade e também fazem parte da equipe pedagógica da Escola Estadual Indígena. Nos encaminhamos até a ACA para termos nossa primeira conversa a fim de definir o cronograma de tarefas e datas de forma que não coincidissem com tarefas já agendadas no calendário escolar. De acordo com um cronograma previamente elaborado por mim, após a reunião ocorreram algumas modificações de datas para que a realização das oficinas

acontecessem aos sábados letivos que são a cada 15 dias, sendo consolidado os encontros nas sextas e sábados de forma quinzenal.

As oficinas que seriam ministradas eram voltadas a produção de vídeo a partir de dispositivos móveis iniciando pela composição fotográfica, movimento de câmera, conhecimentos sobre as etapas de produção, edição e montagem do vídeo e os conhecimentos partilhadas dessas oficinas possibilitariam um novo olhar para criação de conteúdos de vídeo sobre o cotidiano dos alunos (GALLOIS; CARELLI, 1995, p.63).

O vídeo se torna um recurso de reconhecimento entre os povos na observação das diferenças e semelhanças. Além de se tornar um meio que gera várias possibilidades de comunicação, seja dentro da própria comunidade ou entre as comunidades, são perspectivas geradas dos povos em relação às suas culturas a fim de preservá-las, suscitando questões territoriais como forma de resistência e que tomam direções através do audiovisual.

Após a reunião, deslocamos-nos até a escola onde seria o primeiro dia da oficina no turno vespertino. Na ocasião, o Dioclécio apresentou a escola que foi recém-inaugurada e fomos em cada sala de aula falar sobre a oficina e convidar os alunos a realizarem as inscrições, limitando a quantidade do público em 25 vagas.

Inicialmente minha presença gerou timidez em vários jovens, nos quais eram evidentes a energia e a animação dentro e fora da sala de aula. Nesse primeiro contato nas divulgações estabeleci um diálogo mais extrovertido de modo que os alunos se sentissem mais à vontade comigo. Já no intervalo, alguns foram ao meu encontro onde foi possível reforçar o convite às oficinas.



Foto 3: No intervalo após visitas nas salas (foto: Fábio Pereira)

Por volta das 14h30 a programação para este primeiro dia foi concluída e as assinaturas dos pré-inscritos foram coletadas pelos professores no decorrer dos dias até o próximo encontro marcado para o dia 16 de agosto de 2019. No retorno para casa, tive o apoio e solidariedade dos professores que se mostraram bem atenciosos e acolhedores e me cederam uma carona até a rodoviária de João Câmara para embarcar em um ônibus de volta para minha casa, o qual, por muito pouco, perco a saída e, no caminho, no último assento, pude contemplar o final do primeiro dia, as paisagens correrem sob um belíssimo pôr do sol, que as iluminava com seus últimos raios, atravessando a janela do ônibus em que eu me encontrava.

3.2 – Conhecendo e praticando

Na sexta-feira dia 16 de agosto de 2019, em diálogos ocorridos durante a semana, nas vésperas da primeira oficina, foi acertado com a equipe pedagógica estabelecer a execução das oficinas no turno vespertino com início às 13h e término às 17h, seguido o horário das aulas conforme a programação da escola.

No primeiro momento da oficina de composição fotográfica, houve a presença de 24 dos 25 inscritos encaminhados pelo coordenador pedagógico Dioclécio. Na ocasião, foram passados os principais conceitos de fotografia como enquadramento, planos, ângulos, perspectiva e profundidade de campo, ocorrendo práticas dentro e fora de aula nos limites da escola, havendo uma boa participação dos interessados. “A fotografia é possivelmente a fala mais icônica sobre o que pode ser etnografado e interpretado. Pois diferentemente da palavra, pela qual se diz algo a respeito de alguma coisa.”(BRANDÃO, 2004, p.29).

Na transição da oficina de composição fotográfica para a oficina de movimentação de câmera, houve uma evasão de metade dos inscritos. Percebi o interesse de metade dos alunos, os outros saíram alegando estarem envolvidos em outras atividades. Na oficina de movimentação de câmera foram explicados os movimentos básicos como pan, tilt, travelling, zoom in e zoom out e plano sequência e práticas nas dependências da escola com boa participação.



Foto 4: Durante aulas práticas de movimento de câmera (foto: aluno)

Após as atividades no início da noite em companhia do meu amigo Akanguasu, tive oportunidade de conhecer melhor a comunidade as pessoas e as ruas que sempre me receberam com uma boa conversa e grande acolhimento. Um velho mercado que fica aberto até tarde conhecido na comunidade como Shopping do Jales, me chamou atenção pela disposição dos produtos nas prateleiras e a variedade, surpreendente também é o aconchegante espaço interno. Nessa noite a conversa rendeu boas risadas no conto de várias histórias da comunidade, a doce trama do intrincado traçado das tessituras das vidas das pessoas. Dormi.



Foto 5: Shopping do Jales (foto: Fábio Pereira)

3.3 – Conversas sobre como funciona uma produção

No sábado dia 17 de agosto de 2019, o terceiro dia foi dedicado a dialogar sobre as etapas da produção audiovisual: pré-produção, produção e pós-produção de forma que os interessados

pudessem compreender essas etapas e serem provocados a pensar nos trabalhos em que são executados em cada uma dessas etapas.

Na ocasião também foi falado sobre as produções dos formatos de documentário e ficção, mas os interessados escolheram o documentário acerca de um dos quatro temas que foram sugeridos em coletivo dentre eles: a festa da castanha, a comunidade, a atividade da castanha e a escola. Dentre os temas expostos, por votação unânime foi escolhida a festa da castanha como tema de trabalho do curta no formato documentário de até 9 minutos.



Foto 6: Exibição de curtas de diferentes formatos para compreensão da distinção entre ficção e documentário(foto: Fábio Pereira)

Em relação ao processo de filmagem de documentário, entre os métodos de exposição (roteiro fechado) e exploração (roteiro aberto), decidimos optar pelo roteiro fechado, já que previamente já tínhamos acesso ao cronograma da programação do evento produzindo assim um roteiro a partir daí, porém atento as possibilidades de sermos flexíveis a imprevistos que poderia ocorrer. O roteiro pode ser conferido no apêndice.

Foi elaborado um esboço de roteiro de possíveis cenas a serem gravadas na festa da castanha, que é uma das principais festividades indígenas do RN. As cenas de apoio com entrevista de pessoas que de alguma forma, estejam relacionadas aos pontos da festa: artesanato, comidas de castanha, dança do toré, trilha ecológica, orquestra e público. Para cada uma das cenas foram divididos e selecionados os interessados que serão responsáveis por produzir cada uma das cenas sendo coordenadas por mim. As instruções foram passadas aos participantes nesse mesmo dia de forma que os mesmos se programem para o dia da festa da castanha, tendo em vista que a festa ocorrerá durante todo o dia no sábado, dia 31 de agosto de 2019 (ARAÚJO, 2014).

Quando falamos em práticas filmicas pensamos em todos os procedimentos implicados na realização de um filme documentário, desde a preparação do mesmo com a escolha do tema, dos personagens, a elaboração ou não de roteiros etc.; a filmagem, compreendendo escolhas estéticas e técnicas, como a opção por filmar em planos curtos, longos ou alterná-los etc., e a posterior a montagem.

Conforme programado, retornaria para a capital no final da tarde aproveitando a carona de alguns professores que iriam para João Câmara. No entanto, fui surpreendido por um convite irrecusável. Akanguasu relatou que havia visitado o ilê de Mãe Selma que comentou sobre uma gira que iria ter à noite, comentado com ela que eu estava pela comunidade munido de alguns de meus equipamentos. Na ocasião, ela me convidou a fazer alguns registros durante a festividade, foi uma noite ímpar ao som e dança de vários pontos das entidades e com uma energia indescritível, até pelo fato de que não havia participado de uma gira de umbanda. No encontro, pudemos ver dois grupos de ilês na festividade, isso me aproximou mais da religião e alguns costumes que me despertaram grande interesse em gerar outros trabalhos futuros na perspectiva de desconstruir o pensamento da maioria das pessoas na sociedade que reproduz preconceitos com as religiões de matriz africana.



Foto 7: Filho de santo incorporado no barracão de Mãe Selma (foto: Fábio Pereira)

3.4 – Dia de gravação

Conforme programado com os alunos, o sábado do dia 31 de agosto de 2019, foi dedicado à gravação da Festa da Castanha – *Kajurai Araite* em sua sétima edição. A festa que foi selecionada pelos próprios alunos como tema para ser gerado o primeiro curta deles durante votação.



Foto 8: Folder da programação da 7ª edição da festa da castanha foto:(autor desconhecido)

A festa da castanha é uma das principais festividades indígenas do estado do RN, onde vários atrativos compõem a programação que ocorre durante o dia inteiro com exposições e comercialização dos produtos da comunidade como artesanatos indígenas, castanha de caju, dentre outras comidas típicas produzidos a partir da castanha, apresentações culturais como a Orquestra Irmã Terezinha Gales, Banda de Flauta Irmã Terezinha Gales e violão solo com Fernando Batista. Na programação também ocorre a trilha ecológica nas pedras com artes rupestres e a pedra do sino, locais de grande significado histórico.



Foto 9: Durante a trilha (foto: Angela Pavan)



Foto 10: Apresentação grupo Boi de Calembe Pintadinho (foto: Fábio Pereira)



Foto 11: Dança do Toré realizada (foto: aluno)

A apresentação do Toré dançado pelas crianças da comunidade que é uma dança indígena potiguara, brincadeiras, Boi de Calembe Pintadinho, Companhia Mucartes dentre outras apresentações musicais.

A presença dos estudantes na ocasião da festa foi pouca em relação aos encontros anteriores, devido ao fato de muitos deles não poderem ir ou terem viajado para o centro da cidade. O dia da gravação contou com a participação de dois estudantes que realizaram as gravações a partir dos celulares conforme o roteiro que definimos. Na manhã seguinte, foi dada continuidade à programação, e as gravações também iniciaram logo cedo. Na ocasião, a professora e orientadora do projeto Maria Angela também esteve presente, acompanhando todo o processo, conversando com os alunos e foi de grande importância esse apoio em campo, além de ter sido um fator motivador, havendo uma ótima interação através de várias conversas durante a trilha. Coletamos depoimentos do jovem guia José e a professora Lisiane durante a trilha que relataram um pouco sobre os atrativos naturais e históricas da trilha. “Essa experiência essencial às comunidades que a vivenciam, representa um campo de pesquisa revelador dos processos de construção de identidades, de transformação e transmissão de conhecimentos.” (GALLOIS; CARELLI, 1995, p. 67).

As gravações tiveram uma pausa após a chegada da trilha ecológica, tivemos um almoço coletivo, dando sequência às gravações durante a tarde com a apresentação de Toré e outras apresentações culturais, contando também com o depoimento de Anderson que realiza o ensaio do toré com as crianças. Finalizamos as gravações por volta das 17h já que o meu retorno a Natal dependia de carona com o ônibus da UFRN.

Os dias de gravação foram bem exaustivos, mas satisfatórios. Os alunos tiveram bastante interesse em gravar e conversamos muito no decorrer do dia. Faltou apenas o depoimento de Dona Neide, liderança indígena da localidade. Em virtude dela está envolvida em diversas tarefas na ocasião, preferimos coletar seu depoimento em um outro momento. “Durante o processo de filmagens pode ser percebido um consenso entre percepções cotidianas e científicas onde o sistema de valores culturais defendido por Geertz e a razão sensível de Mafessoli dialogam.” (LAZANEO, 2012, p. 55).

A produção partilhada enquanto possuir saberes locais e objetos de partilha entrelaçam conhecimentos científicos e valores tangíveis do cotidiano. O curta-metragem que torna-se resultado dessa partilha também acaba por ser um produto acadêmico sem se tornar um objeto de pesquisa mesmo sendo um simples registro de partilha.

3.5 – Seleção e decupagem do material

Na sexta-feira, 13 de setembro de 2019, após as gravações ocorridas no final do mês passado, no dia 31 de agosto na Festa da Castanha, os estudantes foram orientados a fazer a seleção do material de acordo com a programação da festa e o roteiro seguindo e construindo uma narrativa. Cada um selecionou vídeos relacionados às cenas correspondentes que entrariam na montagem, de forma que todos pudessem participar e realizar esse trabalho de decupagem e entender a composição da sequência narrativa do curta-metragem. Utilizamos inicialmente o notebook para assistir as cenas, de forma que seria melhor todos acompanharem o processo em uma tela maior. As cenas foram selecionadas e numeradas para que assim fosse facilitado a seleção dos vídeos no momento de sequenciá-los no editor de vídeo do celular.



Foto 12: Alunos decupando o material (foto: aluno)

Para minha surpresa, fui informado na chegada a escola que haveria aula somente até 15h30. Era preciso concluir todo o trabalho agendado para esse dia. Para agilizar, já que restava pouco tempo para a decupagem, realizamos a seleção de forma que ficassem prontos para edição no próximo encontro. Transferimos os arquivos sequenciados para o dispositivo móvel e damos andamento a tarefa.

Ficando para a tarde do dia seguinte do sábado, 14 de setembro de 2019 a continuidade dessa tarefa com os alunos, todavia por motivos pessoais precisei com certa urgência retornar a capital inviabilizando a continuidade dessa etapa para este dia.

3.6 – Uma tarde produtiva de outra forma

Segui a viagem pela manhã da sexta-feira, dia 27 de setembro de 2019, sempre passando pelo centro de João Câmara e na estação de trem a caminho até a casa de dona Sebastiana, uma grande amiga da minha mãe, e sempre possibilitando boas conversas e um café sem igual com fumo. Por volta das 11h me desloquei novamente até o centro de João Câmara para seguir viagem até a comunidade. “Embora seja criado um roteiro previamente, haver flexibilidade em frente aos imprevistos nos trabalhos em campo se faz necessário. Ter um lado B para os planos sem afetar nada ou pouco do pretendido.” (ARAÚJO, 2014, p. 24).

Ao chegar na comunidade fui informado por um dos estudantes via *Whatsapp* que a escola estava sem água devido a um problema virtude de o carro-pipa não ter ido abastecer. Por esse motivo as aulas até então estavam suspensas. Além da escola, as casas dos familiares dependem do abastecimento dos carros-pipa pois a grande estiagem não abastece de forma regular as cisternas das residências na comunidade.



Foto 13: Coletando água na cisterna de uma das residências (foto: criança da comunidade)

Sabendo do ocorrido fui à casa da Dona Neide, Tayse Campos e Carlos Tavares, lideranças da comunidade, onde conversamos boa parte da tarde acerca do vídeo gravado pelos estudantes, sobre questões e relatos de manifestações anteriores ocorridas que envolviam a comunidade, foi uma tarde bem proveitosa onde também tive oportunidade de refazer uma das gravações realizadas. Em decorrência desse imprevisto o cronograma da oficina sofreu alterações já que esse dia seria

dedicado a edição e montagem do produto. De toda forma, foram aprendizagens a partir do empírico, de conceitos cientificamente complexos de rede e dialogismo, da omissão do que se sabe ao invés da omissão do que se ignora.

Retornei para casa no mesmo dia, não havia uma previsão do carro-pipa chegar. O carro-pipa chegou somente na segunda-feira. Essa é uma situação recorrente na comunidade, tendo em vista que não há um abastecimento regular no local e não há água encanada como na capital. A grande maioria das casas possuem cisternas disponibilizadas durante o governo do presidente Lula. Quando a água não vem através do abastecimento do carro-pipa, as cisternas só são abastecidas com a água das raras chuvas que ocorrem na região.

Em virtude desse fato, a edição do vídeo foi feita por mim, para que o processo de produção fosse acelerado, já que não haveria mais nenhuma data prevista que fosse pertinente, que garantisse o meu deslocamento para realização da edição, através de dispositivos móveis com os alunos, sem prejudicar o restante do cumprimento do cronograma de atividades. Assim, a montagem foi feita, iniciando com o depoimento de Tayse Campos acerca da atividade da castanha, construindo uma narrativa até chegar a festa da castanha seguindo a ordem da programação.

3.7 – Feedback do vídeo editado

No fim de semana do feriado, dia das crianças 13 de setembro de 2019, estive na comunidade para apresentar o vídeo editado para algumas das lideranças: Carlos Tavares, Tayse Campos e Dona Neide. O feedback foi positivo e aceito por todos, apenas com a observação nos agradecimentos, onde sugeriram o acréscimo do nome da escola municipal Prof^a Alice Soares, já que os alunos da atual escola indígena foram dessa escola e na ativação da escola estadual indígena foram rematriculados. “Neste caminho, não somente o exercício do feedback mostra-se fundamental, como a ênfase em estratégias de reflexividade, num círculo perene em que se registra o diálogo e se dialoga sobre o registro.” (LAZANEO, 2012, p. 50).

O diálogo acerca do curta-metragem *Kajurâi Araitê* após a montagem e edição foi um processo do qual fiz questão de ocorrer desde o início, pois a opinião sobre o conteúdo produzido e sendo resultado das oficinas também foi uma das prioridades, em decorrência do cuidado nos olhares que produziram e geraram o conteúdo a fim de determinar desse modo, a representatividade local sem ser afetado por olhares externos.

Na ocasião da visita no fim de semana, pude participar e ajudar na organização da festa dos *eres* no barracão da Mãe Selma junto com suas filhas e filhos, foi muito bom ter participado e ver muitas crianças se divertindo na ocasião.

3.8 – Exibição e diálogos

Mesmo com um pouco de dificuldade para chegar à comunidade na quarta-feira, dia 23 de outubro de 2019, devido a falta de transportes no horário do almoço no centro de João Câmara, a quarta-feira foi dedicada a exibição do curta *Kajurãĩ Araitê*⁶ para os alunos do turno vespertino. Os alunos que participaram das oficinas estiveram presentes assim como os professores. A exibição ocorreu durante o horário de intervalo das turmas do turno vespertino de forma que não atrapalhasse o horário das aulas. Todos ficaram atentos a produção realizada sobre a comunidade em que vivem proporcionando um intervalo diferente para os alunos.



Foto 14: Exibição durante o turno vespertino (foto:Fábio Pereira)

Aproveitando a oportunidade durante a noite, ocorreu uma aula diferente com os alunos da noite da Educação de Jovens e Adultos (EJA), com cantos, jantar coletivo, diálogos acerca de questões envolvendo os cronogramas escolares e dinâmicas. Foi exibido o curta-metragem produzido pelos alunos e muitas discussões sobre como foi feito o processo de produção envolvendo os alunos através das oficinas e as grandes possibilidades de produção de conteúdo pela própria comunidade a

As exibições das produções audiovisuais nos pátios das comunidades permitem um conhecimento, reconhecimento próprio e o compartilhamento dessas produções gera uma relação de intercâmbio entre as culturas dos povos que somam com as formas tradicionais de relação entre os povos.

⁶ Curta metragem disponível no link: https://drive.google.com/open?id=1bt_e9874s364t01c-V64alj2a894ioQF



Foto 15: Diálogos com estudantes do EJA (foto: Diego Akanguasu)



Foto 16: Professores e estudante em diálogos (foto: Fábio Pereira)



Foto 17: Olhares atentos a exibição (foto: Fábio Pereira)

Após o término das atividades, fui acolhido mais uma vez pela Associação Comunitária do Amarelão – ACA com um espaço disponível para descansar até o dia seguinte. Pela manhã em companhia de meu amigo Diego Akanguasu me desloquei pela comunidade até a casa de Carlos Tavares. Durante todo o trajeto o cheiro de castanha pela manhã estava em todas as ruas indicando que várias famílias já estavam desde cedo trabalhando. A sensação era a de missão cumprida, estava terminado o trabalho em campo.

CAPÍTULO 4 – Considerações finais

Executar esse trabalho não foi uma tarefa simples em virtude do curto prazo para a execução e entrega do mesmo assim como questões de logísticas em relação ao deslocamento ao local, embora eu assuma que tive uma certa audácia em projetar e concretizar o mesmo. A meu ver, se fazia necessário mais tempo de imersão e proximidade com a comunidade para mais práticas dos conteúdos expostos, inclusive, até em conversa com a orientadora do projeto Maria Angela Pavan, cogitou-se até mesmo a elaboração de um projeto de extensão. De repente, em uma próxima oportunidade da qual me foi incentivado realizar o mestrado seguindo essa mesma ideia.

Alguns pontos podem ser citados que dificultaram o trabalho, como a falta de apoio de um transporte fixo de forma que agilizasse o traslado até a comunidade, por mais que foram utilizados recursos próprios para financiar os custos de ida e volta, não eram suficientes para alugar um transporte que fosse direto à comunidade, tomando assim uma média de 4 horas para chegar ao local. Em virtude das tarefas diárias durante o decorrer da semana, os professores não puderam ter uma participação efetiva nas oficinas, creio que a presença de alguns deles fortaleceria mais o trabalho. Nas primeiras oficinas, a presença dos estudantes foi mais intensa assim como a atenção aos conteúdos passados e as práticas iniciais no espaço interno da escola. No entanto, a partir da terceira oficina foi percebido a redução de estudantes em sala ocorrendo uma dispersão. Foi notado, em alguns estudantes, falta de interesse em dar continuidade às atividades; já, os outros, estavam envolvidos em outros afazeres. Talvez com a presença deles a evasão teria sido minimizada.

Apesar dos percalços, os objetivos foram atingidos, percebemos nos diários de bordo que as principais ações centrais pertinentes ao projetos foram executadas de forma coletiva e participativa levando em conta o referencial teórico distribuído, dos primeiros diálogos até a exibição ao público que foi um grande momento de um olhar para si mesmo no sentido de que, os observadores são a comunidade protagonista e ao mesmo tempo que, geradora da obra audiovisual em questão. Dessa forma, buscou-se aplicar os conceitos lidos e organizados tendo como base não somente as referências bibliográficas mas também experiências anteriores. Uma cópia do curta-metragem foi entregue a coordenação pedagógica para alimentarem o acervo de vídeos da escola e também para comunidade.

No total foram realizadas oito visitas na comunidade para a apresentação, execução e resultado do projeto e em cada uma dessas visitas foi um trabalho e uma vivência distinta na

comunidade. Não só com os alunos, mas, também, com os moradores. Em pouco tempo eu já me sentia parte daquele pequeno espaço de tempo de convivência, tendo a certeza de que sempre serei bem-vindo e reconhecido naquele lugar. Contudo, apesar das dificuldades surgidas no decorrer desses três meses em campo, nosso objetivo foi concluído com sucesso. Possibilidades para continuidade do trabalho não somente na comunidade Mendonça do Amarelão mas em outras das 11 comunidades indígenas potiguaras foram pensadas no decorrer deste trabalho, seja através de um projeto de extensão pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) ou algum edital que financie recursos para esse trabalho que é de suma importância para o empoderamento das comunidades e fortalecimento étnico e cultural dos povos indígenas.

Referências bibliográficas

GUERRA, Jussara Galhardo Aguirres. **Mendonça do Amarelão: caminhos e descaminhos da identidade indígena no Rio Grande do Norte**. - Recife: O Autor, 2007.

GALLOIS, D.; CARELLI, V. **Vídeo e diálogo cultural - experiência do projeto vídeo nas aldeias**. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 205-259, 18 jun. 1995.

BRANDÃO, Carlos Henrique. **Fotografar, documentar, dizer com a imagem**. *Caderno de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro 18(1). 2004

DE SALVI LAZANEO, Caio. **Produção Partilhada de Conhecimento: Uma experiência com as comunidades indígenas Xavantes e Karajás**. Dissertação (Dissertação em Pós-Graduação em Ciências da Comunicação) ECA-SUP. São Paulo.

JOSÉ DE ARAÚJO, Juliano. **Práticas Fílmicas do Projeto Vídeo nas Aldeias**. *Revista Passagens*. Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. Volume 5. Número 2. Ano 2014.

LÚCIA MARQUES CAMARGO FERRAZ, Ana. **A experiência da duração no cinema de Jean Rouch**. *Revista Digital de Cinema Documentário DOC- On Line*. nº8, p 190-211. Universidade de São Paulo - USP. Ano 2010.

VIEIRA, José Glebson. **A presença indígena no Rio Grande do Norte**. In: RICARDO, Beto; RICARDO, Fany.. (Org.). *Povos Indígenas no Brasil 2006-2010*. 1a.ed.São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011, v. 1, p. 508-509.

GARLIC, Sebastian. **Indígenas Digitais**. ONG Thydêwá. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=T2I7ovB6E7k>>. Acesso em: 26 de jun. 2019.

BEÑITES, G.; DUARTE ORTEGA, A.; RAMONS MORINICO, J. **Mokoi Tekoá, Petei Jeguatá | Duas aldeias, uma caminhada.** Vídeo nas Aldeias. Porto Alegre/RS. 2008. Disponível em: <<http://www.isuma.tv/fr/video-nas-aldeias/mbya-guaranimasterport>> .Acesso em: 25 jun. 2019.

APÊNDICE**ROTEIRO****FESTA DA CASTANHA 2019 KAJURAI ARAITE****CENA 1 - EXT. - TENDA DE TRABALHO DA CASTANHA - MANHÃ**

Plano conjunto de uma das tendas onde as famílias trabalham na produção e queimada da castanha

CENA 2 - EXT. - QUINTAL - MANHÃ

Tayse Campos fala sobre a comunidade indígena do amarelão

Tayse Campos
Depoimento livre...

CENA 3 - EXT. - BANCA DE ARTESANATO - MANHÃ

Alguns artigos arrumados na mesa durante exposição na festa

CENA 4 - EXT. - BANCA DE COMIDAS- MANHÃ

Visitantes da festa contemplam as comidas feitas de caju

CENA 5 - EXT. - BANCA DE CASTANHAS - MANHÃ

Várias castanhas em sacolinhas aparecem na mesa enquanto Tayse fala

Tayse Campos:
Depoimento livre...

CENA 6 - EXT. - EXPOSIÇÃO FOTOGRAFIAS - MANHÃ

Fotografias expostas em um espaço onde adultos e crianças olham as obras

CENA 7 - EXT. - PALCO - MANHÃ

Banda se apresenta no palco

CONT.

CONT.

CENA 8 - EXT. - QUINTAL - MANHÃ

Tayse comenta sobre a festa da castanha

Tayse Campos:
Depoimento livre...

CENA 9 - EXT. - ÁRVORE - MANHÃ

Tomada em contra plongée dos galhos de uma árvore

CENA 10 - EXT. - ÁRVORE - MANHÃ

Plano geral de várias pessoas debaixo de uma grande árvore

CENA 11 - EXT. - CAMINHO DE AREIA E MATO - MANHÃ

Plano geral onde pessoas caminham em direção a trilha ecológica

CENA 12 - EXT. - NA MATA - MANHÃ

Câmera em movimento plano geral na trilha ecológica

CENA 12 - EXT. - NA PEDRA DE PINTURAS - MANHÃ

Câmera em panorâmica da pedra com pinturas rupestres

CENA 13 - EXT. - NA MATA - MANHÃ

Câmera em panorâmica das pessoas na paisagem

CENA 14 - EXT. - NA PEDRA DE PINTURAS - MANHÃ

Meio Primeiro Plano da professora Lisiane Campos

Lisiane Campos:
Depoimento livre...

CONT.

CONT.

CENA 15 - EXT. - NA PEDRA DO SINO - MANHÃ

Câmera em movimento captando a vegetação e pernas das pessoas subindo a serra

CENA 16 - EXT. - NA PEDRA DO SINO - MANHÃ

Câmera em panorâmica plano conjunto das pessoas no alto da serra apreciando a paisagem

CENA 17 - EXT. - N PEDRA DO SINO - MANHÃ

Meio Primeiro Plano do estudante Adson comentando sobre o local

Adson:

Depoimento livre...

CENA 18 - INT. - NA ASSOCIAÇÃO - TARDE

Primeiro plano da janela captando pessoas do lado de fora assistindo a apresentação

CENA 19 - EXT. - NO PÁTIO DA ASSOCIAÇÃO - TARDE

Plano geral do grupo se apresentando no pátio com várias pessoas ao redor

CENA 20 - EXT. - NO PÁTIO DA ASSOCIAÇÃO - TARDE

Plano geral alterando para contra plongée do pátio das crianças dançando o Toré

CENA 21 - EXT. - NA ASSOCIAÇÃO - TARDE

Meio Primeiro Plano de Anderson falando sobre o Toré

Anderson Barbosa:

Depoimento livre...

CONT.

CONT.

CENA 22 - EXT. - NO PÁTIO DA ASSOCIAÇÃO - TARDE

Plano geral alternando para contra plongée do pátio das crianças dançando o Toré

FIM

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

Na bibliografia comentada foram organizados as leituras e comentários acerca das principais referências bibliográficas que foram base teórica desse trabalho e a execução do mesmo.

GALLOIS, D.; CARELLI, V. Vídeo e diálogo cultural - experiência do projeto vídeo nas aldeias. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 205-259, 18 jun.1995.

Apresenta o projeto Vídeo nas Aldeias, o surgimento e os objetivos iniciais dos trabalhos para e com os povos indígenas e a importância do vídeo como meio de intercâmbio entre distintas comunidades e a apropriação desse meio para fins de produção conforme as questões políticas e culturais. Destaca o recurso audiovisual como uma ferramenta entre os povos que têm suas peculiaridades étnicas e culturais que são distanciadas por questões históricas, geográficas e culturais. O vídeo se torna um recurso de reconhecimento entre os povos na observação das diferenças e semelhanças. Além de se tornar um meio que gera várias possibilidades de comunicação, seja dentro da própria comunidade ou entre as comunidades, são perspectivas geradas dos povos em relação às suas culturas a fim de preservá-las, suscitando questões territoriais como forma de resistência e que tomam direções através do audiovisual. Dialoga sobre as expressões e manifestações que não somente ocorrem de forma verbal, os elementos simbólicos como as danças, os rituais, as pinturas, os artefatos enriquecem de forma imagética através do vídeo. As exibições das produções audiovisuais nos pátios das comunidades permitem um conhecimento, reconhecimento próprio e o compartilhamento dessas produções gera uma relação de intercâmbio entre as culturas dos povos que somam com as formas tradicionais de relação entre os povos. O discernimento acerca das diferenças e semelhanças complementa-se no processo de reafirmação étnica pois, o acesso ao vídeo e a circulação entre as comunidades estabelece um diálogo e consequentemente uma integração entre eles. O projeto favorece uma integração entre os povos, não só pela circulação dos vídeos mas por proporcionar encontros e visitas entre as comunidades. Assemelha o projeto Vídeo nas Aldeias ao trabalho do etnólogo francês Jean Rouch no processo de produção partilhada e *feedback* onde as comunidades indígenas vão além do mero objeto de pesquisa, existe o resultado do retorno de acordo com o olhar ao mundo redor pelos próprios indígenas sendo essa uma das propostas do CTI⁷ nesses trabalhos. Critica o grande acervo de imagens de diversos povos indígenas que permanecem somente nos museus, ficando inacessíveis aos indígenas impedindo até mesmo uma revisão das próprias identidades. Explica como resultado

7 Centro de Trabalho Indigenista (CTI) é uma associação sem fins lucrativos, fundada em março de 1979 por antropólogos e indigenistas. É constituído por profissionais com formação e experiência qualificadas nas mais variados campos e comprometidos com o futuro dos povos indígenas. Tem como marca de sua identidade a atuação direta em Terras Indígenas por meio de projetos elaborados a partir de demandas locais, visando contribuir para que os povos indígenas assumam o controle efetivo de seus territórios, esclarecendo-lhes sobre o papel do Estado na proteção e garantia de seus direitos constitucionais

do projeto, a execução de algumas ações de acordo com demandas que surgem pelos próprios povos sobre questões relacionadas ao mundo ao seu redor. O conhecimento dessas demandas molda as edições do projeto para cada povo e esse processo requer percepção e etno conhecimentos. A produção partilhada do meio audiovisual gera a troca para ambos lados. Busca através do referencial teórico estimular o conhecimento e respeito pelas diversidades culturais e étnicas entre os povos e uma visão não saudosista acerca das técnicas ancestrais. E a partir desse estímulo, enseja desconstruir o estereótipo quinhentista que há em relação aos povos indígenas.

BRANDÃO, Carlos Henrique. **Fotografar, documentar, dizer com a imagem**. *Caderno de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro 18(1). 2004.

Discute sobre o valor estético entre a documentação científica e a apresentação artística. As imagens “dadas a ver” podem gerar múltiplas percepções e reflexões a quem vê. Comenta que as imagens são dispostas no intuito de ilustrar pois elas, falam por si só. Há casos em que as imagens e os textos se complementam, seja de forma descritiva através de legenda ou de uma forma mais densa. Atribui a fotografia como algo a ser bem mais próximo na representação do objeto trabalhado, a imagem na Antropologia se torna híbrida entre a evidência e o mistério, o olhar de quem mostra e de quem vê. Critica a desvalorização das imagens que tem sido muito utilizada em trabalhos científicos, não há mais sensibilidade e tempo para apreciação. Comenta que os etnógrafos utilizavam as imagens como um recurso de análise crítica e interpretativa a fim de deixar de ser apenas uma transformação complementar. Aborda os pensamentos de Joana Scherer e Margaret Mead acerca das fotografias estarem passíveis de outras análises e olhares. Por outro lado, menciona Roland Barthes priorizando a literatura como leitura mais objetiva. Discute sobre as fotografias impressas que se tornaram imagens tácteis. Aborda a multiplicidade cultural como um fator de saberes diversificados e olhares peculiares na leitura e interpretação das imagens. Resgata conceitos de Walter Benjamin na obra “A Obra de arte na era de sua reprodutibilidade” sobre a banalização da arte devido as evoluções tecnológicas da era digital e suas possibilidades. Menciona as obras “Terra” de Sebastião Salgado e “Saudades do Brasil” de Levi Strauss inserindo uma similaridade dentro de uma perspectiva documental nas fotografias feitas por fotógrafos e antropólogos. Atribui à fotografia, a função de não apenas ser uma mera informação vinda de uma imagem estática, mas comunicação, expressão e emoção. Reforça a necessidade da aprendizagem da leitura das próprias imagens de quem as fotografa.

JOSÉ DE ARAÚJO, Juliano. **Práticas Fílmicas do Projeto Vídeo nas Aldeias**. *Revista Passagens*. Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. Volume 5. Número 2. Ano 2014.

Aborda dois métodos de realização de documentários: a exposição (que segue o que está definido em um roteiro fechado) e a exploração (não segue um roteiro sendo ele aberto a possibilidades de imprevisibilidade). Expõe relatos dos cineastas indígenas da aldeia *Mbya Guarani* na produção do documentário “Duas Aldeias, Um Caminho” dirigido por Jorge Ramos Morinico, que inicialmente foi um processo difícil criar um rumo sobre as filmagens. Destaca a importância da inserção dosicineiros do projeto, cineastas indígenas e a comunidade a fim de estimular a aproximação entre eles. Comenta sobre a questão da disponibilidade de tempo que não é imposto pelos oficineiros e sim pelas pessoas que serão filmadas, elas ditam o tempo. Diferencia a inserção dos antropólogos e oficineiros do projeto na aldeia Guarani notando-se que a presença do antropólogo coloca os indígenas como objeto de estudo enquanto as oficinas do VNA trabalha de forma partilhada e participativa a todos. Detalha a execução da metodologia das atividades utilizadas no projeto VNA, assim como, em termos técnicos na captação, seguindo métodos rouchianos de câmera na mão, contato com o objeto filmado e descarte do uso de zoom e tripé. Explica o processo de proximidade com o sujeito filmado através do conceito de Cine Transe de Rouch, sem roubar cenas e provocar a aproximação. Apresenta a forma como é trabalhado o roteiro no projeto sendo eles sempre abertos pois seguem os diálogos e histórias dos nativos, inclusive os mais velhos, por relatarem mais situações. Explica que nos filmes o idioma nativo das comunidades indígenas é mantido como forma de fortalecimento e para mostrar a diversidade cultural e afirmação étnica, no entanto, são legendados para compreensão de outros públicos. Mostra questionamentos acerca do processo de edição e montagem das produções partilhadas, onde há casos em que é iniciado nas aldeias e outros casos iniciado na sede do projeto VNA em Olinda/PE. Relata que no início da edição e montagem, a presença de um instrutor de edição é mais intensa e no decorrer do processo de ensinamento que os indígenas que estão envolvidos nesse processo começam a se familiarizar gradativamente com esse processo, além de se integrarem com outros indígenas que estão realizando outras funções. Explicado pela integrante do VNA, Mari Correia, que desde o início da pré-produção é compreendida a montagem por todos os envolvidos. Relata a experiência da montagem do filme “Iniciação de um jovem Xavante” dirigido pelo cineasta indígena Divino Tserewahú que durou entre 3 a 4 meses passando por constantes feedbacks da comunidade indígena antes de ser

finalizado, experimentando diversas versões até se chegar a versão final e oficial, em determinados casos, criando-se conflitos por censura imposta pelos indígenas mais velhos. Ressalta a importância da compreensão da edição de vídeo e possibilidades a partir desse conhecimento que pode influenciar na construção de ideias mais amarradas e em processos anteriores a pós-produção. Expõe três momentos distintos de montagem a partir da concepção de Jean Rouch: no momento da filmagem, na edição feita por um aluno que não tenha participado das filmagens sendo exclusivamente para esse processo e o momento de apresentação e feedback dos sujeitos filmados a partir da opinião da comunidade. Conclui as práticas como responsáveis por protagonizar os indígenas do VNA gerando participação coletiva, colaborativa de vários e distintos níveis na comunidade.

DE SALVI LAZANEO, Caio. **Produção Partilhada de Conhecimento: Uma experiência com as comunidades indígenas Xavantes e Karajás**. Dissertação (Dissertação em Pós-Graduação em Ciências da Comunicação) ECA-SUP. São Paulo.

Apresenta a produção partilhada em conhecimentos sendo o estudo de pesquisa realizado em campo nas comunidades indígenas brasileiras contando com o apoio de dois interlocutores representantes das etnias xavantes e karajás. Explica a dificuldade de delimitação do objeto que passou no processo por várias mudanças até ser definido como um sujeito de partilha e fragmentada através dos interlocutores. Discute sobre a mistura de gêneros entre as ciências sociais e humanas tendo como um dos resultados a criação e inserção de novos meios interdisciplinares em metodologias de ensino partilhado através da comunicação digital, tornando-se base de sustentação reticular. Analisa os filmes realizados por indígenas e não indígenas expondo as diferentes construções narrativas e conceituais (apresentação e representação). Discute sobre os projetos expostos no filme “Indígenas Digitais, o filme”, o portal “Indiosonline” e “Arco Digital” que visam a representatividade e autodesenvolvimento através da internet com publicações de conteúdos audiovisuais próprios. Discute sobre o senso comum e o sistema de valores culturais defendido por Geertz e a razão sensível de Mafessoli. Tenta chegar a um consenso entre as percepções cotidianas e as científicas. Relata aprendizagens a partir do empírico, de conceitos cientificamente complexos de rede e dialogismo, da omissão do que se sabe ao invés da omissão do que se ignora. Associa o conceito de cine olho cotidiano de Dziga Vertov aos trabalhos filmicos do Xavante Tomõre que explica o processo de produção e pós-produção de forma partilhada. Discute sobre o método de *feedback*.

utilizada por Jean Rouch que não se relaciona totalmente com a ideia de antropologia partilhada. Detalha através dos diários de partilha os processos de sua metodologia em prática e todos os acontecimentos mais importantes desde o início das oficinas até o processo de finalização do trabalho em partilha.

LÚCIA MARQUES CAMARGO FERRAZ, Ana. **A experiência da duração no cinema de Jean Rouch**. *Revista Digital de Cinema Documentário DOC- On Line*. nº8, p 190-211. Universidade de São Paulo – USP. Ano 2010.

Comenta sobre algumas obras filmicas de Jean Rouch os distinguidos a fim de mostrar suas diversidades construindo pontes entre o cinema e a antropologia no início de sua carreira com a etnografia e posteriormente a etno ficção, passando de observador para vivenciador se inserindo no cotidiano em que emergem os primeiros conceitos sobre a antropologia compartilhada. Cita influências que Jean Rouch teve através dos trabalhos de Robert Flaherty e Dziga Vertov criando os conceitos de câmera-participante, cineolho e a importância desses conceitos na sensibilidade da prática filmica. Apresenta a ótica do antropólogo estadunidense Paul Stoller acerca da produção escrita e filmica se aprofundando na comparação de trabalhos feitos por Jean Rouch na África por mais de cinquenta anos, com os *griots africanos*, que são nativos responsáveis por manter vivas as histórias e culturas de um povo por meio de contação de histórias orais e visuais. Critica a falta de desenvolvimento da etnoficção na atualidade nas metodologias práticas da etnografia após o falecimento de Jean Rouch, sendo ele um dos poucos que inovou na escrita cinematográfica e a fabulação e imaginações compartilhadas a partir de histórias relatadas. Sintetiza algumas obras de Jean Rouch como *Jaguar* (1954-1967), *Moi um Noir* (1957 - 1958), *La Pyramide Humaine* (1959), *Petit a Petit* (1968 - 1972), *Cocorico!Monsieur Pouillet* (1974) dentre outros explicando como se originou a construção das obras. Atribui um tom humorístico e irônico na estética cinematográfica dos filmes em que a verdade é encenada deixando evidente a capacidade de dirigir e criar personagens.